

O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NO BRASIL E O SABER SOBRE ANTIGUIDADE CLÁSSICA: UM RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ENSINO A DISTÂNCIA DE RETÓRICA CLÁSSICA E INTRODUÇÃO AO LATIM

Ygor Klain Belchior¹, Wesley Demétrio Reis Alves Silva² Augusto Peterlevitz³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência de ensino a distância de Latim e Retórica Clássica, através do diálogo com o contexto histórico que essa iniciativa surge dentro dos avanços dos Estudos Clássicos no Brasil. Para tanto, partirei da minha experiência em sala de aula como formador de professores de História e de Filosofia, justificando a necessidade da oferta de cursos que capacitem paralelamente os futuros professores a começar a compreender os mais ricos temas da Antiguidade Clássica. Ao final, explicarei a metodologia e a forma dos cursos que foram oferecidos através de uma plataforma moodle, terminando este relato com a experiência e a participação de dois dos alunos que se dedicaram ao longo das lições, com especial destaque ao que consideram como contribuições importantes para a sua formação e prática docente.

Palavras-chave: Latim; Retórica Clássica; Educação a Distância.

THE DEVELOPMENT OF CLASSICS STUDIES IN BRAZIL AND THE POPULARIZATION OF THE KNOWLEDGE ABOUT CLASSICAL ANTIQUITY: AN ESSAY ON THE TEACHING EXPERIENCE OF CLASSICAL RHETORIC AND INTRODUCTION TO LATIN IN DISTANCE EDUCATION.

ABSTRACT

This paper aims to describe my teaching feedback in distance education of Latin and Classical Rhetoric, through a proposed dialogue with the historical context, which this initiative was born, correlating this with the advances of Classical Studies in Brazil. I will start with my experience in the classroom as a teacher in public education and teaching how to teach History and Philosophy in the University. Finally, I will explain the methodology and the format of the courses that were offered through a Moodle platform, ending this account with the account made by two fellow students who have dedicated themselves along the lessons, giving special emphasis in the contributions (considered by themselves) to their formation as schoolteachers.

Keywords: Latin; Classical Rhetoric; Distance Education.

¹ O autor é doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Dr. Norberto Luiz Guarinello, membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP) e Professor de História Antiga da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: ykbelchi@usp.br.

² wesleydemetrio@hotmail.com.

³ blackmoon2128@hotmail.com.

Introdução

Este relato se insere em um tema que me acompanhou na minha prática docente como professor de História do Estado de São Paulo e de História Antiga na Universidade Metodista de Piracicaba: como formar bons profissionais que possam lecionar com qualidade os ricos temas da Antiguidade Clássica, como o ensino da língua latina e noções sobre os ricos temas das práticas retóricas antigas. Afinal, apesar do campo se apresentar como um campo consolidado e ao mesmo promissor, muitas das dificuldades de se formar um pesquisador nesta área advém da formação básica e dos cursos de ensino superior que não têm especialistas em seus quadros. Ou seja, uma parte importante da nossa história, que buscou suas identidades neste passado, não é bem compreendida. E isso pode ser ilustrado pelas reflexões do aluno Wesley, graduando em Filosofia, ao analisar o Curso “Aprendendo a escrever com os Clássicos”, um curso voltado para o ensino de Retórica Clássica como um exercício para desenvolver a escrita acadêmica.

Segundo o aluno, “escrevi este pequeno texto pensando na importância que se deu no desenvolvimento da escrita e o esquecimento da oralidade (da retórica clássica) como o principal fator de formação de professores que sabem pra si, mas não conseguem explicar para o próximo. E que, diga-se de passagem, é o caso de alguns professores de diversos níveis, como o fundamental um e dois, médio e acadêmico. Escrevi também pensando na informação que é retida que não vai a público, seja pela falta de interesse das pessoas ou porque um professor, um político ou até mesmo um aluno não conseguem mais compreender o que estão lendo, que se apoiam apenas em imagens e manchetes, sem entender todos os aspectos de uma informação textual. Tais atos os capacitam a não mais serem capazes de fazer uso do avanço científico de uma forma simples e que possa ser entendida por todos. Por consequência, formamos alunos que não compreendem nada sobre o que vão estudar na Universidade e nós não encontramos profissionais que saibam lidar com essas teorias sobre composição de discursos, principalmente na Antiguidade Clássica que era tão rica” (FUNARI, 2003).

Enfim, já são muitas as coisas apresentadas ao leitor e poucas linhas explicativas sobre como dividirei esse relato contando com as preciosas contribuições de dois alunos que acompanharam com excelência as discussões do curso. Para efeito de análise de submissão deste trabalho, omitirei os sobrenomes dos alunos, mas eles podem ser obtidos observando-se os coautores. O primeiro aluno, Wesley, vocês já conheceram. Ele foi meu aluno na Universidade Metodista de Piracicaba, no primeiro Semestre de 2013, enquanto ministrei aulas de História Antiga. Sua sala de mais de 60 futuros professores de História e de Filosofia era bem heterogênea e repleta de pessoas que tinham, em sua grande maioria, estudado anteriormente em escola pública. Ainda me lembro de ter feito a proporção: de um total de 62 matriculados 44 eram alunos do sistema de ensino público. Sendo que, em 30% dos casos, os alunos tinham se formado no Ensino Médio há mais de 10 anos. Ou seja, estou falando de uma sala bem comum em um ambiente Universitário dentro de uma Universidade Particular. E como tal exigia do professor, principalmente de alguém que fosse trabalhar com Homero, Hesíodo, Cícero, Tácito, Latim, Grego e arqueologia, no caso de um de História Antiga, um cuidado especial com os alunos, pois era perceptível que os temas importantes sobre a Antiguidade Clássica eram praticamente desconhecidos pelos alunos.

O outro aluno, de nome Augusto, só que um estudante de História, também fazia parte desta mesma sala e também se inscreveu para participar do curso anteriormente mencionado. A diferença entre Augusto e Wesley é que o último também se inscreveu em

outro curso oferecido por mim: Introdução ao latim. Sendo assim, ao longo do texto, e apresentados o nosso contexto histórico e o conteúdo dos cursos, Wesley será o responsável por relatar a sua experiência com o curso “Introdução ao Latim”, destacando a metodologia do curso e a receptividade dela, o conteúdo das lições e a sua contribuição para uma nova compreensão do mundo textual, discursivo e linguístico. O mesmo processo também será feito por Augusto, só que em seu texto serão destacados os aspectos que envolvem a sua experiência como aluno de “Aprendendo a escrever com os Clássicos” e como esse tipo de ensino o auxiliou em uma nova compreensão de um texto. A exemplo de sua reflexão final sobre gêneros textuais:

“Primeiramente, interessante que este esquema [a retórica clássica] pode servir tanto para um livro, como um filme, como um discurso, ou um texto acadêmico. A apresentação, incluindo o título, devem ser chamativos e que prendam a atenção do ouvinte/leitor para o mesmo se interessar pelo restante do conteúdo, temas polêmicos, coisas “Patológicas” etc. Nisso já dá para se misturar dados “frios” com gêneros mais emotivos e começar a chocar o leitor. Na apresentação, poderá ter já partes da tese que busca defender (por exemplo; “a Crise hídrica de SP é de responsabilidade do governo estadual?”), e discorrer rapidamente da problemática apresentada, devendo saber não só sobre o tema sobre o qual discorre, mas nesse caso talvez, mais ainda sobre as pessoas com quem está falando, para realmente atingi-las e prender sua atenção. Quando isso tiver sido feito, pode-se seguir para o próximo passo. A complicação poderá discorrer sobre o tema em questão, explicando todos os dados, problemas e questões que quer levantar sobre o tema, podendo-se utilizar de uma linguagem mais fria para tal, mas ainda sim sendo possível se dirigir ao leitor/ouvinte de forma compreensível e chocante”.

Como se vê, são questões importantes as que foram levantadas pelos alunos dentro do ambiente virtual dos cursos a distância. Sobre eles, já que se torna agora necessário apresentá-los, passarei para uma breve apresentação dos seus objetivos e conteúdos para depois relacionar esta experiência de ensino dentro do contexto histórico de desenvolvimento dos Estudos Clássicos no Brasil, em especial na disciplina de História Antiga. Enfim, espero que esse relato possa esclarecer de certa forma a qualidade dos temas concernentes à Antiguidade Clássica e sua importância na formação de professores e profissionais de humanas que poderão apresentar esse rico conteúdo de uma forma eficaz, científica e inteligível a todos.

Os avanços da História Antiga no Brasil e os diálogos interdisciplinares

Para qualquer aluno de graduação ou pós-graduação da área de humanidades, é evidente que os estudos sobre a Antiguidade Clássica atingiram um grau de evidência bem interessante no que tange o cenário de publicações, eventos e criação de laboratórios de pesquisa. Afinal, somente nos últimos quinze anos foi possível observar que muitos dos alunos oriundos de Instituições de Ensino Superior (IES), aqui no Brasil, especialmente na área de Letras e História, passaram a seguir seus estudos direcionados aos temas trabalhados pelo recorte, por assim dizer, da antiguidade ou especificamente da Antiguidade Clássica.

Esse processo forma atualmente uma geração de alunos que convive com a exigência acadêmica de se aperfeiçoarem cada vez mais em diversas ferramentas “multidisciplinares” no intuito de compreender os períodos que estudam e responder as novas perguntas que fazemos para o estudo das sociedades antigas. Aos alunos de História Antiga, por exemplo, a necessidade cada vez maior de aprendizado das línguas antigas se,

seja o latim e o grego, ou até mesmo o inglês e o francês, passaram a aproximar os alunos desta área com os pesquisadores das letras clássicas. Como também, a necessidade de compreender a cultura pela qual aquela língua se desenvolveu desde sua fase oral até os primeiros rabiscos em forma de gêneros literários, também se tornou essencial para que os linguistas saíssem do plano apenas da ficção literária e começassem a olhar para suas fontes escritas como produções históricas (SANTOS, et al., 2011).

É claro que isso se deve ao fato de que o aumento considerável de professores que atuam na área, expresso pelos últimos concursos e as suas exigências, foi seguido pelo direcionamento de profissionais qualificados e com pesquisas da área às Instituições de Ensino Superior, já existentes, e também para as muitas novas que foram surgindo ao longo desses últimos anos. Como efeito disso, o que temos neste cenário são o surgimento e a atuação de muitos grupos sólidos, como o qual faço parte e também os dos meus colegas, e que puderam ao longo dos anos capacitar novos alunos a já optarem por seguir a sua carreira na área de antiguidade e assim continuar essa história de uma democratização do saber da Antiguidade Clássica. Inclusive com muitos alunos brasileiros com experiência no exterior (CARVALHO, 2007, p. 16).

Na verdade, para justificar esse argumento empiricamente não é preciso ir bem longe no estudo da história de todo o saber da antiguidade, com suas origens clericais nos mosteiros cristãos da época medieval, passando pelo seu uso elitista com antiquariado europeu, portador de coleções imensas e fundadoras dos grandes museus do velho continente, para chegar a uma conclusão de que hoje, em 2015, se produz muito sobre os seus mais diversos assuntos e nos mais diversos locais que não aqueles da perdurante cristandade europeia. Como exemplo disto, temos o caso da disciplina de História Antiga, sempre muito centrada na Antiguidade Clássica, que somente chegou ao Brasil na década de 40 do século passado, na Universidade de São Paulo (FUNARI, 2001, p. 25-29), ou seja, bem distante de toda a reflexão europeia sobre os mesmos assuntos. O centro chegou à periferia e vice-versa, muitos aclamavam, pois justificávamos a nossa origem como brasileiros, empreitada feita conscientemente desde o século XIX (GUARINELLO, 2013, p. 09).

No entanto, apesar deste primeiro passo, ainda faltou muito para chegar ao cenário que vivenciamos hoje, pois, mesmo no Brasil, a História Antiga e o saber da antiguidade continuavam a ser ministrados apenas em grandes centros urbanos e econômicos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Esse cenário foi muito bem ilustrado por uma pesquisa quantitativa feita pelo então Professor formado pela Universidade de São Paulo, Professor Dr. Fábio Faversani, e recém-chegado à pequena cidade de Mariana - MG para ministrar História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto, de que a realidade do ensino da Antiguidade Clássica começava a mudar. Sendo assim, em 1991, o já referido Professor publica seu estudo onde traça um perfil da História Antiga nos cursos de graduação de quarenta e quatro IES's do Brasil, tendo como foco tanto a formação do profissional que atua na área, quanto o conteúdo ministrado e a quantidade de carga horária que são destinados pelos Programas ao ensino de História Antiga (FAVERSANI, 2001, p. 50).

Basicamente, o que chama atenção neste estudo é que até a década de 1990 este tipo de ensino ainda era centrado no Sul e Sudeste do país, sendo sua maioria em São Paulo e Rio de Janeiro, e que em muitos casos, sendo o número de 44, 44% do total, que poderia chegar a mais se somado aos 12,69% dos professores que não responderam a essa pergunta, não tinha nenhum tipo de especialização em História Antiga ou em nenhuma área da Antiguidade Clássica (FAVERSANI, 2001, p. 45). Fato que refletia na formação de poucos alunos fora dos grandes centros, se comparados a outras áreas da história, como

História do Brasil, por exemplo, mas que começava a mudar com o grande esforço dos pesquisadores da área que começavam ou já estavam atuando nas Universidades brasileiras e também indo ao exterior. O panorama, como foi dito, hoje, é outro⁴. Os pioneiros lá da década de 1980 e 1990 se firmaram no panorama nacional e cada vez mais formavam novos alunos de qualidade que passavam por sua vez a chegar a outras IES, e também ao Ensino Público (CORSI, 2013).

E talvez o maior expoente disso que estamos falando, pelo menos no meio acadêmico, seja a mais nova publicação do Professor Norberto Guarinello, intitulada *História Antiga* (GUARINELLO, 2013). E afirmo isso porque para chegar ao ponto de tal publicação que, apesar do seu intento geral e bem informativo para alunos de graduação, não deixa de exigir do profissional que trabalhe com esse material uma forte formação em temas da antiguidade clássica que transitam dentro de diversos campos específicos, como a arqueologia, a história, a literatura, a linguística, a geografia, a demografia, comunicação, migração e etc..., como também no campo de crítica do pensamento histórico e dos seus modelos de análise. Ou seja, com as mudanças no cenário acadêmico, e graças ao longo trabalho feito na área, se torna possível exigir um profissional capacitado em sua área de pesquisa, mas também em outras áreas que também tocam a Antiguidade, e não só a Clássica. O pesquisador, portanto, passou a acompanhar as transformações de sua época, se tornando cada vez mais conectado a outros de sua área e fora dela, como nos grupos nacionais de pesquisa e em vivência no exterior, se tornando cada vez mais capacitados e ampliando, assim, a oferta de pessoas qualificadas para debater e compartilhar ideias sobre a Antiguidade, não só no eixo sul e sudeste, mas também fora dele.

Esse fato de florescimento das reflexões no campo da Antiguidade Clássica, com a formação de inúmeros pesquisadores de qualidades, que infelizmente não cabe aqui citar todos, também age e agiu diretamente na formação de novos professores em outras modalidades de ensino e em seus materiais didáticos, sendo também formados por professores da área lecionando em Universidades particulares (JOLY, 2001). Essa dinâmica tende a minimizar o fator dominante em que se ensina a antiguidade apenas em seu caráter exótico, muitas vezes através de filmes sem conexão com a “realidade histórica” ou com aquilo que é exposto pelas fontes (GONÇALVES; SILVA, 2001, p. 139). E por falar nelas, é preciso dizer que se torna cada vez mais imprescindível encontrar um professor capacitado a lidar com temas difíceis, como Homero, Cícero e Aristóteles, sendo que o ensino dos temas trabalhados por eles é essencial para a formação humanística de uma pessoa. Ou seja, conforme as palavras de Fábio da Silva Fortes e Charlene Martins Miotti, quando referem-se ao ensino da Cultura Clássica nas escolas:

O tratamento interdisciplinar de conteúdos vinculados à arte, à história, à arqueologia, à filosofia e às línguas pode ser realizado tendo como motivo temático a cultura clássica, com a vantagem de, ao apresentar recortes dessa cultura na escola – através de recursos didáticos diversos, como apresentaremos a seguir –

4 Dentre os pioneiros, e também seus alunos, cito alguns nomes de muito peso no campo e que podem muito bem ilustrar o crescimento dos Estudos Clássicos, em especial na História Antiga, por especialistas brasileiros. Dentre eles, Ciro Flamarion Cardoso (UFF), Sônia Rebel de Araújo (UFF), Cláudia Beltrão (Unirio), Henrique Fortuna Cáirus (UFRJ), Pedro Paulo Funari (UNICAMP), Norberto Luiz Guarinello (USP), Júlio César Magalhães (USP), Paulo Martins (USP), Jacynto Lins Brandão (UFMG), José Antônio Dabdab Trabulsi (UFMG), Ana Tereza Marques Gonçalves (UFG), Gilvan Ventura da Silva (UFES), Sérgio Alberto Feldman (UFES), Leni Ribeiro Leite (UFES), Margarida Maria de Carvalho (UNESP), Fábio Duarte Joly (UFOP), Alexandre Agnolon (UFOP), e Carlos Augusto Machado (Universidade de Saint Andrews, na Escócia).

trazer à tona uma reflexão sobre os valores atuais da nossa cidadania, em contraste e em contato com aqueles dos gregos e romanos. Colocado em perspectiva, os valores do mundo clássico poderão ser motivo de discussão dos valores do nosso mundo, cujo conhecimento é franqueado também quando nos colocamos diante de nossas origens: indígenas, africanas, europeias, asiáticas, clássicas, múltiplas. O mundo antigo romano é apenas um entre os universos que entram na composição multicultural brasileira. De resto, a análise de textos e imagens da Antiguidade, em diferentes gêneros e datados de diferentes épocas, pode mobilizar saberes de áreas diversas (saberes históricos, literários, linguísticos, artísticos, entre outros), na formulação de um projeto transversal que contribua para o desenvolvimento cultural e cognitivo dos sujeitos da escola (FORTES; MIOTTI, 2014, p. 161).

Portanto, o que é possível observar nesta reflexão é que os estudos sobre a Antiguidade clássica cresceram muito no Brasil, possibilitando o surgimento de muitos pesquisadores que sabem lidar com todas as exigências, por exemplo, da leitura de documentos antigos (FUNARI, 2013). Afinal, quando olhamos o passado, e aqui falo pelos historiadores e futuros professores de história, no intuito que compreendermos as vicissitudes e até mesmo a nossa identidade enquanto brasileiro, não é preciso dizer aqui que o fazemos através de fontes. O século XIX que nos fundou como identidade o fez (ANDERSON, 2005), e como filhos desta tradição, é preciso que um Professor de História saiba abordar aquilo que foi relido do passado, através de conceitos e de categorias do próprio passado, ou daquela realidade histórica, como a escravidão antiga e a escravidão moderna que são duas formas diferentes entre si (BELCHIOR; LANNA, 2014). E, no caso da antiguidade Clássica, o latim, o grego e a retórica são essenciais para se compreender qualquer documento literário produzido pelos seus antigos para além da simples formulação de “é velho”.

Os cursos

Nesta seção, pretendo apresentar de forma geral os conteúdos e objetivos dos cursos. Porém, antes de iniciar esta etapa, outra também se apresenta como necessária e mais imediata: apresentar a formatação e a concepção dos cursos. Assim, convém dizer que ambos os cursos foram concebidos para serem formações em um “curso de verão”, oferecido durante os dias 19 de Janeiro e 10 de Fevereiro de 2015 e cada um contou com a duração de duas semanas. Os cursos, por sua vez, foram divididos em 15 tópicos, um de apresentação e mais 14 tópicos que correspondiam a exercícios de 2 horas diárias. Além disso, cabe ressaltar que este trabalho não contou com nenhum apoio institucional e não corresponde ou já correspondeu a nenhuma exigência de pesquisa, mas surgiu como parte de um projeto autônomo e pessoal, intitulado “Odisseu Consultoria Acadêmica”, composto atualmente por dois doutorandos em História, eu e o Professor Tércio Voltani Veloso. Este último ofereceu um curso voltado a Pesquisa histórica, memória e documentação.

Em nossa visão, e aqui falando também em nome do meu colega que me auxiliou na concepção do projeto, um curso on-line deve trazer informações gerais sobre campos do saber até certo ponto distantes de todos os centros de ensino do Brasil. Principalmente servindo como uma forma de complementar a formação de futuros profissionais da educação. Como exemplo, essa leva de ofertas que transitam por mundos distintos do conhecimento que, por um lado, pode ser exposto por uma preferência pelo mundo

clássico, com sua retórica e seu latim. E, por outra via, o lado da "mão na massa", no pó e nos espirros do mundo da leitura e da organização de documentos. Ou seja, atividades essenciais em algumas áreas que muitas vezes são limitadas pelos recursos locais ou até mesmo pela dificuldade em se achar profissionais com essa formação para dialogar.

Aliado a esse fator, os grandes deslocamentos que os alunos têm que fazer para chegar às salas de aulas com professores capacitados a lidar com esses temas, junto a grandes bibliotecas ou arquivos com documentos de mais de dois séculos, sempre foi um entrave na formação de alunos que estudam em centros de ensino menores do que aqueles que possuem verbas Estaduais e Federais. Nestes cursos do interior, por assim dizer, especialmente no ensino particular, o retrato que temos é composto por cursos compostos por um corpo docente reduzido, já que é impossível financeiramente lidar com profissionais de todas as áreas, e que por isso priorizam a formação de historiadores que lidam com a história local ou para as licenciaturas. Pensando neste panorama e adotando essas perspectivas é que os cursos foram concebidos e ministrados através de uma plataforma moodle gratuita que permitiu a troca de textos de autoria do professor e de outros arquivos para os alunos, no intuito de instruí-los e capacitá-los em áreas importantes dentro do conhecimento histórico⁵. Eles serão apresentados na sequência deste trabalho.

O curso “Aprendendo a escrever com os Clássicos”

Este curso, voltado ao ensino da escrita, foi basicamente um curso de Retórica Clássica e estratégias de argumentação. Em seu desenvolvimento, parti das principais definições desta *ratione*, ou área do conhecimento, para os retores Clássicos (dentre eles, Aristóteles e Cícero), na tentativa de desestruturar esse campo e expor para os alunos quais ferramentas discursivas podem ser empregadas na composição de um discurso visível para os ouvintes. Para tanto, ao longo das nossas atividades, meu intuito foi o de sempre debater a composição de textos dentro das três finalidades de um discurso, a saber, *delectare* (deleitar), *docere* (ensinar) e *mouere* (mobilizar para uma ação), só que nunca perdendo contato com os exemplos que podemos extrair das leituras de obras da literatura Clássica. Meu principal objetivo com esse curso foi o de proporcionar aos novos estudantes de retórica clássica uma perspectiva ampla sobre as principais técnicas de composição de um discurso. Ou seja, capacitar o aluno em relação às possibilidades de composição que um texto pode oferecer.

Além desse objetivo, também destaquei indiretamente compreender as sociedades clássicas, em nosso caso Grécia e Roma, por meio do debate historiográfico e da leitura de documentos de referência que irão situar os alunos na “realidade histórica” pela qual a Retórica Clássica era ensinada. Para tanto, o conteúdo foi dividido nos seguintes tópicos: O que é Retórica Clássica? Definição de conceitos introdutórios para a sua compreensão e de suas fontes; O momento do silêncio – o que fazer antes de abrir a boca?; O que são, quais são e para quê servem os Gêneros Discursivos; Como atingir o Sublime com um discurso; Um exemplo de análise de Gênero Discursivo Antigo: história x poesia; A Retórica como Psicologia Social: a observação de pessoas e de situações; Descrição discursiva – Fazer ver com os ouvidos; Atividade final e em grupo: A composição de um texto.

O curso foi dividido em 15 tópicos distintos, sendo que um deles era destinado à apresentação dos alunos e os seguintes divididos em conteúdos e atividades que

⁵ www.ensineonline.com.br/professor/

completaram a sua formação. Na apresentação, era necessário que o aluno se introduzisse no curso através de um exercício imaginativo em que ele estaria em um banquete típico grego discutindo assuntos importantes para a *pólis*. Após a apresentação de cada aluno, realizei o seguinte exercício: coloquei todas as presenças no banquete em uma mesma narrativa, realizando alguns exercícios de descrição de lugares, de pessoas e de comportamentos. Texto que comeci a usar com eles para que eles entendessem toda a complexidade que é escrever um discurso. Feito esse exercício, os tópicos 2, 3 e 4 foram voltados ao estudo sobre “o que é a retórica clássica” e “para que serve?”. Nestes exercícios, parti da concepção moderna de retórica, como simples falseamento, e fui adicionando as concepções antigas sobre a capacidade de encontrar os meios de persuasão, como a definição aristotélica. Já, o tópico 5 ficou por conta de uma contextualização sobre os dois mundos de oralidade que estávamos trabalhando juntos, um mundo bem diferente do mundo moderno e da comunicação imagética e do hipertexto.

Chegado ao tópico 6, e com toda essa teoria na cabeça, propus aos alunos uma atividade chamada “dionisiaca”, onde eles teriam que sair e aplicar tudo aquilo que eles aprenderam sobre retórica em uma observação descritiva sobre os acontecimentos da noite. A observação do comportamento humano, neste caso, e a sua interação com o ambiente, foi o assunto mais debatido e que abriu espaço para o tópico 7, que lidava diretamente com o tema da descrição de pessoas (*éthos*) pelos oradores. Nesta lição, portanto, debati os textos produzidos anteriormente por eles, mas também pedi que aproveitassem o mesmo exercício e comesçassem a descrever especificamente o caráter (ou estereótipo) das pessoas envolvidas. Esta atividade ficou ainda melhor quando debatemos sobre o velho provérbio “diga com quem andas que te direi quem és”, já que é possível descrever alguém indiretamente, ou seja, apenas falando de outros que o cercam.

Na continuação das atividades, disponibilizei para os alunos, nos tópicos de 8 a 13, uma reflexão sobre a formação dos oradores e o que era essencial que eles aprendessem (ou lessem) para escrever discursos de qualidade. A dinâmica neste caso foi a de apontar as principais obras que temos sobre o sistema retórico e disponibilizar uma explicação detalhada da composição delas, seguida de alguns trechos importantes de todas essas obras, que eram lidos pelo professor e explicados. Todos os arquivos podiam ser baixados pelo portal e acompanharam as leituras de Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Longino entre outros autores. Após essas leituras, voltei o debate para os dias atuais, terminando os dois últimos tópicos com a relação que é possível estabelecer entre a Retórica Clássica e a escrita acadêmica, principalmente pensando a composição de dois gêneros distintos: a história e a poesia.

Relato do aluno Augusto sobre o curso

Augusto – Aluno do 3º período de Licenciatura em História:

Farei aqui um breve relato sobre o que foi fazer esse curso e como foi fazê-lo por uma plataforma on-line. Primeiramente, devo dizer que eu não fazia muita ideia do que o curso iria trazer, já que meu interesse inicial por ele foi movido por mais curiosidade do que um interesse prévio no tema. Dito isso, descobri durante o passar do curso que já pensava sobre algumas ideias que foram discutidas ao longo do mesmo, como por exemplo, o fato de ter que saber com quem está falando no intuito de saber como irá apresentar tais ideias e que o modo em que se apresenta a mesma ideia pode criar efeitos diferentes sobre a mesma pessoa.

Mas o curso me apresentou um mundo que apesar de já saber da existência, era bastante alheio a ele. Isso acarretou em algumas confusões sobre o conteúdo ao iniciar o curso, pois ainda não conseguia separar o que estava estudando como Retórica Antiga daquilo que entendo como Retórica hoje. Porém, ao ler mais das teorias apresentadas na plataforma pelo professor e ao escutar os áudios que comentavam o conteúdo, principalmente em relação à observação e descrição dos ambientes e das pessoas envolvidas nesses ambientes, comecei a compreender esse novo mundo e as diferenças para aquilo que entendia como texto ou discurso. Além disso, a Retórica Clássica colocada em forma de exercícios de observação e descrição, como o fato de ter narrado uma noite “dionisiaca”, me fez interessar por uma área de conhecimento que provavelmente não iria ter interesse antes. E de agora em diante me fará ficar de olhos e ouvidos mais atentos e abertos com relação ao que ouço, leio e observo com mais detalhes.

Sobre a noite mencionada, para se ter uma ideia da riqueza de detalhes que a Retórica oferece aos alunos e professores que lidam com textos, olhando em volta, na pequena praça da minha pacata cidade, posso apresentar aqui o que aprendi com o curso e a observação da interação humana. Dava para perceber com isso uma boa contradição tão evidente, mas nunca observada. Aquele evento acontecia, simplesmente, sem nenhum motivo há tempos. Simplesmente acontecia e as pessoas iam nele, faziam barulho e estardalhaço, mas, era um evento completamente único em seu formato em todo esse período de tempo. As pessoas iam nele Uniformizadas e cumpriam papéis. A situação, portanto, parece sempre a mesma, a mesma desorganização organizada, com as mesmas pessoas tentando entrar em algum pequeno grupo, ao mesmo tempo em que trocam olhares acusadores, desejosos, ansiosos ou raivosos, sem a lente de um Tablet, entre todos os presentes. Na verdade, é incrível como aquela situação toda consegue funcionar religiosamente com tanta harmonia entre os envolvidos, provavelmente o fato de a maioria estar sob o efeito de maconha ou álcool ajuda a manter essa situação. Enfim, o que vi foram pessoas de ambos os sexos, com alguma roupa de grife cortada, com algum tipo de maquiagem, vagando sozinhas entre todos os cantos da praça, com rostos expressando misturas que iam desde um desespero, tristeza, raiva, ou um simples descontentamento por não fazer a mínima ideia do que estava fazendo no momento. É como se a praça os atraísse e os guiasse.

Sobre os efeitos em minha formação principal, creio que um olhar sobre história de formas completamente diferentes daquelas apresentadas na faculdade seja a maior contribuição do curso. Afinal, a ciência e arte de se comunicar bem moveram exércitos e civilizações, e o poder do convencimento ainda impera hoje, de uma forma ou de outra, no macro e no micro dentro dos próprios discursos acadêmicos. Não dá para olhar para a história sem ver como seus personagens impulsionaram e fizeram valer suas ideias, inclusive as autoridades que leio como tal, ainda mais porque, de certa forma, os mecanismos e certas ideias de outrora ainda valem muito até hoje, mesmo sendo claramente contestáveis. O exemplo da praxe na história europeia usar do *Páthos* para incitação de união contra o islão, assim como o discurso adjacente de apelo ao resgate de valores reais, civilizacionais, liberais, capitalistas e cristãos (para não incluir nessa lista somente caucasianos) é um bom meio de justificar isso. E ele só me veio com a compreensão da forma completamente diferente de como o “mundo antigo” pensava o conhecimento. Ou seja, algo que compreende o sistema retórico por mim estudado, com a necessidade de saber várias áreas, com relação à arte, à ciência, à política, à religião, ao comportamento humano e às regras daquilo que posso escrever para saber qual argumento usar e quando usar.

Dito isso, ainda omitindo algumas ideias que me foram apresentadas durante o curso, devo dizer que o uso de uma plataforma on-line para o curso foi bastante proveitosa, apesar de requerer um bom tanto de disciplina pessoal para isso. Talvez a maior dificuldade que tive foi em relação ao tempo para execução, já que duas horas por dia em um período de quinze foi bem puxado, principalmente para quem nunca fez um curso on-line. Pois os mecanismos podem levar você a ficar perdido no meio da plataforma por um tempo, enquanto se acostuma com as atividades. Mas esta foi uma dificuldade minha. Com o passar do tempo, comecei a compreender os mecanismos de acesso aos conteúdos do site e o acesso se tornou simples, permitindo, por exemplo, que eu fizesse boa parte do curso e conseguir acompanhá-lo em boa medida enquanto estava viajando. Não digo que esse formato de curso possa inteiramente substituir uma aula ao estilo tradicional, mas pode ser um complemento poderoso e conveniente para aqueles que desejam compreender mais sobre um assunto de maneira interativa e com um bom conteúdo geral. Afinal, a reflexão que tive será para mim, como um futuro professor, um elemento importante para educar meus alunos.

O curso “Introdução ao Latim”

Curso de introdução ao Latim seguiu os sete primeiros capítulos do manual *Gradus Primus*, elaborado pelo tradutor Paulo Rónai para os alunos do quinto ano do Colégio Pedro II. Nesse percurso, trilhamos as seguintes reflexões que apresentamos como essenciais para o aluno ter uma base sólida da língua latina: a acentuação gráfica didática, a pronúncia, a inexistência de artigos, os falsos cognatos, como buscar uma palavra latina no dicionário e identificar a sua declinação, a primeira e a segunda declinação (substantivos e adjetivos masculinos, femininos ou neutros), verbos transitivos diretos e suas conjugações e vocabulário. Este material, o *Gradus Primus*, reúne em poucas páginas o livro de leitura, a gramática e o dicionário de latim. As explicações gramaticais foram apresentadas de forma gradativa ao longo de todas as lições, ressaltando muitos aspectos da gramática portuguesa que foram revisados exaustivamente. Somente junto a esse exercício que procurei inserir as tabelas de declinação e as aulas em áudio que partiam da análise do livro para uma compreensão mais ampla dos paradigmas da língua latina.

Justifico essa abordagem porque uma das maiores dificuldades que eu encontrei quando comecei a estudar línguas, entre elas (e especialmente), o Latim e Grego Antigos, foi em entender o funcionamento destas línguas, seja em sua gramática, morfologia, sintaxe e até mesmo em acentuação (no caso do grego antigo). O meu problema? A língua portuguesa e as suas intermináveis regrinhas e nomes para cada elemento de uma oração. Afinal, se não sabemos nossa língua minimamente, fica impossível aprender uma nova, já que é preciso estabelecer parâmetros de comparação entre aquilo que é semelhante e aquilo que difere das normas cultas da nossa língua. Sendo assim, a meu ver, um curso de introdução a uma língua antiga tem que ser voltado basicamente a uma boa apresentação da língua, em suas formas morfológicas e gramaticais, destacando assim um aspecto que permita o aluno compreender, primeiramente, aquilo que ele entende como essas “regras” dentro da sua própria concepção de língua.

Para tanto, a saída foi sempre voltar a ler gramáticas ou até mesmo assistir vídeos explicativos que me sanassem os problemas com minha língua *mater* para que, enfim, eu pudesse compreender as declinações de artigos, os casos de declinação e até mesmo uma coisa muito básica para tais exercícios, a saber, sujeito e predicado e o que é um verbo de

ligação. Isso é importante, pois nessas línguas que citei anteriormente, você só saberá ler alguma coisa se souber que o radical de cada substantivo, por exemplo, recebe sufixos diferentes para a função desta palavra dentro de uma oração. São as famosas declinações. E, em Latim, temos seis declinações, com funções diferentes! Dessa forma, a didática que foi oferecida pelo curso foi focada na tentativa de resgatar as noções básicas do português antes de começar a ver o Latim como uma língua viva, composta das diferenças lexicais e fonéticas, mas que muito auxiliou no processo de fazer com que o aluno entenda o que é o estudo de uma língua. Esse processo foi feito através do englobamento da gramática latina e das obras clássicas junto ao caráter cultural, apoiado com a possibilidade de oferecer textos sobre o contexto histórico, antes mesmo de colocar um monte de regras e tratar o grego como um conjunto de tabelas e de regras sem nexos com a “realidade histórica” daquelas produções no latim estudado e também como auxílio para diferenciar aquilo que é entendido pelo senso comum como retórica.

Cabe dizer que essa didática foi facilitada pelo ambiente virtual do curso, através da plataforma moodle, pois foi possível ao professor compartilhar trechos de gramática e indicações externas que de fato não acompanhavam somente o livro destinado para o curso, mas que permitiram uma flexibilização no conteúdo para atender à demanda da classe em questão e responder as dúvidas dos alunos que estão cursando. A ferramenta neste caso permitiu o formato de um curso que não é algo pré-moldado, feito para ser a mesma atividade de sempre, como os inúmeros vídeos de ensino de Latim e Grego gravados na Internet, ministrados muitas vezes por pessoas que não possuem formação em línguas Clássicas ou Vernáculas. Ou seja, em uma atividade futura com outra turma, mesmo usando o livro como base, o professor consegue dar o sentido que ele quiser dar ao curso, principalmente fazendo uma reflexão sobre os paradigmas de uma língua e a sua história. Esta que também foi reforçada uma grande ferramenta do sistema, que são os tópicos que podem ser levantados por todos e que permitem o compartilhamento de muitas informações on-line e também da pesquisa e do conhecimento de cada aluno matriculado.

Este curso também foi dividido em 15 tópicos distintos, sendo que um deles era destinado à apresentação dos alunos e os seguintes divididos em conteúdos e atividades que completaram a formação. Da mesma forma que o anterior, no primeiro tópico era necessário que o aluno se introduzisse no curso através de sua apresentação pessoal e dos motivos que o levaram a realizar sua matrícula no curso. Feito isso, o tópico 2 foi destinado a situar os alunos no contexto histórico de transmissão e origem da língua latina, explorando suas raízes no indo-europeu e o paradigma das declinações como algo diferente da nossa língua. Assim, no tópico 3 realizei uma grande revisão de toda a gramática portuguesa visando indicar tudo o que o aluno precisaria saber (no singular e no plural) para começar a entender as declinações, a saber os Nominativos (sujeitos), os Genitivos (adjuntos restritivos), os Acusativos (objetos diretos – que exigem um VTD), Dativos (objetos indiretos – que exigem um VTI e mais uma preposição), Ablativos (adjuntos adverbiais) e, por fim, os Vocativos (interpelação ou chamamento). Isso sem contar na conjugação dos verbos em 1, 2, 3ª pessoas do singular e do plural e também a declinação de substantivos.

Esse conteúdo foi retomado ao longo dos outros tópicos que ficaram por conta das lições do livro, onde tive a oportunidade de retomar a gramática portuguesa todos os dias, em acordo com a temática da lição e das dúvidas manifestadas. Para tanto, fiz isso através de textos meus sobre a gramática, a exposição de tabelas e links externos com vídeos de apoio, mas também pude inserir áudios pessoais que comentavam as leituras e a gramática das lições do dia ao mesmo tempo em que o aluno ia estudar para a lição. E como uma língua é prática, a plataforma possibilitou um espaço para que os alunos respondessem os exercícios do livro no próprio espaço virtual e, depois de corrigidos, para

os alunos era enviado um feedback pessoal, com a resolução dos exercícios. Como a ideia foi a de trabalhar os sete primeiros capítulos, o aluno ficou capacitado em compreender todos os casos da primeira declinação (estruturas gramaticais) e que também são os mesmos nas outras declinações dos demais substantivos.

Relato do aluno Wesley sobre o curso

Wesley – Aluno do 3º período de Licenciatura em Filosofia:

Filosofia é um curso que passa boa parte do tempo imerso no passado, compreendido pela antiguidade Clássica, estudando os textos e pensamentos escritos em línguas antigas. O estudo do latim clássico, neste sentido, é indispensável para quem deseja ler as fontes "puras", sem traduções imbuídas de anacronismos. Ou seja, para um futuro professor ou acadêmico da área de humanidades, o estudo do latim e do grego são ferramentas poderosas para que ele possa ampliar a sua capacidade de adquirir conhecimento, de ousar dar um novo recorte a história e compreender melhor o contexto de produção de sua fonte. Mas esse processo passou pela minha maior dificuldade do curso de latim: o domínio da língua portuguesa.

Uma das formas de combater esse empecilho foi usar os links externos, como vídeos, gramáticas e exercícios, que complementavam o que foi dito nos áudios das aulas do professor. Outra parte importante deste processo foram os artigos de diversos professores de Português para que o nível de domínio do aluno melhorasse antes mesmo dele ter contato com a língua antiga. Sendo assim, o que ficou claro, ao menos para mim, é que a principal diferença entre o português e o latim está na estrutura. Enquanto o português se mantém mais fiel às regrinhas e, portanto, limitado, já que mudar a palavra ou o verbo de local pode alterar a frase completamente, o latim é bem mais flexível com as suas cinco declinações que permitem as mais diversas formas de escrita. O que amplifica exponencialmente o número de significados que podemos dar a uma frase e também a necessidade de você ter a sua própria tradução.

Para que todo o mecanismo funcionasse, os alunos deveriam realizar as atividades propostas todos os dias e através delas, interagir com o professor, demonstrando seu progresso para que este observasse as principais dificuldades da turma. E isso era sentido no próprio áudio gravado pelo professor e pelas postagens no fórum, com a indicação de links e com comentários sobre os exercícios. É necessário ressaltar que o curso on-line é uma extensão da sala de aula e, portanto, exige duas vezes mais esforço das duas partes, principalmente daquele que está lecionando a preparação do conteúdo, o monitoramento do progresso, os métodos avaliativos o professor encara isso de forma séria como se aquilo fosse necessário a sua vida. Por sua vez, vejo que o aluno deve encarar da mesma forma, pois só assim o objetivo do curso será alcançado (no caso do curso de introdução ao latim o objetivo a ser alcançado era o de se tornar um aluno autossuficiente).

A partir destas observações, é possível notar que a minha experiência no curso de introdução ao latim, ministrado pelo Professor Ygor, foi muito rica. Pois o curso foi inteiramente trabalhado de forma multidisciplinar, abordando desde a gramática, a construção de uma frase, até o desenvolvimento da língua com o passar dos séculos e a sua história, fez com que os alunos retribuíssem com grande empenho na realização das atividades e alcançassem um resultado mais do que satisfatório em relação ao curto período de tempo. Além do mais, essa multidisciplinaridade mostrou-nos as várias utilidades das “matérias mortas” (passado), o compromisso para com as fontes, a diferença entre poesia e

história na antiguidade e o que isso tem a ver com os gêneros científicos que temos na academia hoje. E tudo isto realizado de uma plataforma on-line, que se mostrou tão eficiente quanto uma sala de aula, mas que foi de grande valia para complementar meus estudos em um curso de curto prazo. Minhas futuras aulas ficarão melhores, especialmente aquelas que terão como tema a Antiguidade Clássica.

Conclusão

O que expus neste relato foi uma primeira tentativa de estabelecer uma futura e profunda reflexão sobre como um pesquisador da área de História Antiga pode trabalhar com a interdisciplinaridade e a possibilidade de cursos a distância e de curta duração. Estes cursos, quando terminados e testados em muitos interessados, servirão futuramente de ferramentas para que os futuros professores possam retirar conteúdo e ideias para ministrar aulas com mais qualidade e que lidem com o conhecimento, principalmente o histórico, de uma forma compartilhada e atual. Questão que se coloca como muito similar àquela indicada no PCN do Ensino Médio. Cito ela:

A constituição de significados que serão de grande valia para a aquisição e formalização de todos os conteúdos curriculares, para a constituição da identidade e o exercício da cidadania. As escolas certamente identificarão nesta área as disciplinas, atividades e conteúdos relacionados às diferentes formas de expressão, das quais a Língua Portuguesa é imprescindível. Mas é importante destacar que o agrupamento de linguagens busca estabelecer correspondência não apenas entre as formas de comunicação – das quais as artes, as atividades físicas e a informática fazem parte inseparável – como evidenciar a importância de todas as linguagens enquanto constituintes dos conhecimentos e das identidades dos alunos, de modo a contemplar as possibilidades artísticas, lúdicas e motoras de conhecer o mundo (PCN – Ensino Médio, 2000, p. 92).

Ou seja, o que temos até o momento é um exercício inicial que abre espaço para muitos questionamentos por parte de quem ministrou e por parte dos alunos. Esse quesito é bom, pois incentiva um futuro desenvolvimento desta proposta como uma atividade para meus futuros alunos de Prática em Educação ou em disciplinas que envolvam didática. O motivo disso é que esta atividade corresponde uma nova forma de criar ideias e conteúdo de qualidade que atuem em conjunto com os Parâmetros Curriculares propostos, mas que também possam vir a servir como um incentivo à pesquisa para os novos professores que gostariam de se aventurar pelo campo da Antiguidade Clássica.

Referências

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BELCHIOR, Y. K.; LANNA, J. V. “Augusto e a escravidão”. In: Carlos Eduardo da Costa Campos e Maria Regina Candido. (Org.). *Caesar Augustus: Entre Práticas e representações*. 1ed. Vitória: DILL-UFES/UERJ-NEA, 2014, v. 1, p. 257-284.
- CARVALHO, M. M. de. Os avanços de História Antiga no Brasil: algumas ponderações. *História*, v. 26, n. 01. Franca, p. 14-19, 2007.
- SANTOS, D. et all. *História antiga: estudos, revisões e diálogos*. Rio de Janeiro: Publit, 2011.
- FAVERSANI, F. Ler e escrever: Livros Didáticos. In: XIX Simpósio Nacional de História (GT de História Antiga), 2001, Niterói. *Hélade*. Rio de Janeiro: Hélade, p. 43-50, 2001.
- FORTES, F. S.; MIOTTI, C. M. Cultura clássica e ensino: uma reflexão sobre a presença dos gregos e latinos na escola. *Organon*, Porto Alegre, v. 29, n. 56, p. 153-173, 2014.
- FUNARI, P. P. A importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros didáticos escolares. *Hélade*, p. 25-29, 2001,
- FUNARI, P. P. A. *Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- GONÇALVES, A. T. M.; SILVA, G. V. da. Algumas Reflexões sobre os Conteúdos de História Antiga nos Livros Didáticos Brasileiros. *História e Ensino*, Londrina, v. 7, p. 123-142, 2001.
- GUARINELLO, N. L. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- JOLY, F. D. Proposta de banco de dados em História Antiga. *Hélade*, Rio de Janeiro, p. 42-43. 2001.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (Lei 9394/96). Brasília: MEC. [online]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> . Arquivo acessado em 20 de janeiro de 2015.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (ENSINO MÉDIO), parte II: linguagens, códigos e suas tecnologias (2000). Brasília: MEC. [online]. Disponível em <http://www.portal.mec.gov.br>. Arquivo acessado em 20 de janeiro de 2015.
- RÓNAI, P. *Gradus primus: curso básico de latim*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SILVA, S. C. Aspectos do Ensino de História Antiga no Brasil: algumas observações. *Alethéia: Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medieval*, v. 1, p. 146-155, 2010.